2022-2023

ENSAIO VENCEDOR

CONCURSO

Ensaio Filosófico no Ensino Secundário

9.ª EDIÇÃO

QUESTÕES DE GÉNERO

Afonso Nobre, Matilde Mestre e Sebastião Mendonça

Associação de Professores de FILOSOFIA

REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES

Ficha técnica

Título: Questões de género
Autores: Afonso Nobre, Matilde Mestre, Sebastião Mendonça, Colégio Pedro Arrupe - Lisboa

Professora orientadora: Paula Gabellieri

Associação de Professores de Filosofia em parceria com a Rede de Bibliotecas Escolares

Edição: Associação de Professores de Filosofia, Coimbra - 2023

Este trabalho está licenciado com a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional License.

Índice

Sumário 4
Problema 5
Género inato ou adquirido 5
Género binário ou não-binário 5
Género fixo ou fluido 6
Importância do problema 6
Estrutura do ensaio 6
Argumentação 7
Diferença entre sexo e género 7
Hipóteses de definição de género 7
Género como essência 7
Género como comportamento e escolhas 8
Género como construção social 8
A nossa definição de género: género como um espetro 9
A nossa resposta simplificada 12
Consequências 12
Pontos comuns e de diferenciação 14
Conclusão 15
Bibliografia 16

Sumário

Ao refletir sobre o tema das questões de género, torna-se evidente a complexidade e ambiguidade do conceito de género, bem como a maneira como as suas particularidades contribuem para uma diversidade de desafios e conflitos, nomeadamente discriminatórios. No fundo, as questões de género são uma questão de direitos humanos. O presente ensaio trata a questão da natureza do género, apresenta e defende uma teoria que encara o género como um espetro moldado por fatores biológicos e socioculturais, uma construção adquirida, não-binária e fluida. Examina ainda as implicações emergentes desta definição e a forma como se deve refletir na nossa sociedade.

Problema

As questões acerca da natureza do género têm surgido recentemente como um objeto de debate e reflexão de grande importância. Neste ensaio, trabalharemos, primeiramente, o problema da definição de género: o que é o género? A compreensão do género como uma categoria inata ou adquirida, binária ou não-binária, fixa ou fluida, levanta questões fundamentais sobre a essência do ser humano e a forma como nos relacionamos em sociedade. Em seguida, trabalharemos a questão: quais são as implicações que esta definição de género tem na sociedade e no modo como nos apresentamos e nos relacionamos com os outros?

Género inato ou adquirido

Existem aqueles que defendem que o género é uma característica inata, firmemente ancorada na biologia. Dizemos, portanto, que o género é **inato**, se, e só se, nascer com a pessoa, isto é, se for moldado exclusivamente pela sua composição anatómica, neurológica e hormonal. Por outro lado, defendemos que o género é também moldado por fatores externos à pessoa, se, e só se, defendemos que o género é **adquirido**. O debate trata-se, então, de perceber se o género "nasce" connosco ou se se "constrói" durante a nossa vida.

Género binário ou não-binário

A divisão tradicional entre masculino e feminino tem também sido profundamente questionada. O género é **binário**, se, e só se, existirem apenas duas conceções de género possíveis. O género é **não-binário**, se, e só se, existirem mais do que duas conceções de género possíveis.

Da mesma forma que temos testemunhos de conceções binárias de género, também temos testemunhos de conceções não-binárias.[1] Posto isto, é difícil acreditar que a visão mais disseminada sobre o género seja a correta apenas porque é a mais disseminada, sem corrermos o risco de cairmos numa falácia - *ad populum.* Há que analisar cuidadosamente os casos e tomar uma posição ante argumentos imparciais.

[1] Na língua havaiana, por exemplo, "kane" significa "masculino" e "wahine" significa "feminino". Ainda assim, os antigos povos havaianos, com uma cultura própria, reconheciam que algumas pessoas não se encaixavam apenas numa categoria ou noutra. Estas eram chamadas de "mahu" e tinham uma identidade de género ambígua, incorporando características consideradas tanto masculinas como femininas pelos havaianos. Historicamente, os mahu eram valorizados como cuidadores, curandeiros e guardiões dos valores e tradições.

Género fixo ou fluido

É ainda importante distinguir inato de fixo e adquirido de fluido. O género inato surge apenas de uma "tradução" dos fatores biológicos observáveis no indivíduo. O género fixo pode não surgir desses fatores e, ainda assim, ser fixo. O género é **fixo** se, e só se, após a sua identificação definitiva, não voltar a mudar. O mesmo para adquirido e fluido. Uma coisa é o género depender da experiência de vida, outra é mudar durante a vida. O género é **fluido** se, e só se, admitir mudanças ao longo da vida.

Importância do problema

A importância deste debate, de tentar perceber o que é o género, reside no facto de que a conceção de género tem profundas implicações na forma como as pessoas são tratadas e valorizadas em sociedade. Questões de igualdade de género, discriminação, violência e exclusão estão intrinsecamente ligadas às ideias e crenças que moldam a nossa compreensão de género. Compreender e problematizar essas noções é essencial para promover uma sociedade mais justa e inclusiva. Mais uma vez, este problema trata-se de uma questão de direitos humanos.

É, por exemplo, inevitável considerar as experiências das pessoas transgénero, que enfrentam altos níveis de discriminação e exclusão. Um inquérito da *National Center for Transgender Equality* revelou que mais de 41,0% das pessoas transgénero já tentaram cometer suicídio, em comparação com 1,6% da população em geral. Estes e outros dados mostram a urgência de refletir sobre este tema. Ao tratar questões relacionadas com o género, é possível desafiar os estereótipos e preconceitos enraizados, permitindo que todas as pessoas tenham oportunidades iguais de realização e felicidade, independentemente da sua identidade de género. Pensar nestas questões é, de facto, pensar nos direitos humanos e na importância de os assegurar numa sociedade que se quer justa.

Estrutura do ensaio

É aqui que começa o nosso debate. Trata-se de nos colocarmos de um lado ou de outro destas questões. Avaliaremos cada uma individualmente, mas utilizaremos sempre os mesmos princípios para o fazer, de modo a chegar a uma conclusão consistente e consequente.

Neste ensaio filosófico, exploraremos as diferentes perspetivas acerca da natureza do género. Faremos uma análise detalhada das suas conceções possíveis e apresentaremos as nossas conclusões. Assim, teremos uma tese a partir da qual fundamentar todas as respostas às questões que possam surgir à volta do conceito de género. O primeiro passo é, então, definir género.

Argumentação

Diferença entre sexo e género

A noção de sexo, como distinção entre macho e fêmea, é universalmente aceite: o sexo é o conjunto de características biológicas com que um ser vivo nasce e que o tornam um indivíduo macho ou fêmea (ou intersexual) da sua espécie. Há caraterísticas biológicas claras que distinguem os machos das fêmeas, mas é também importante notar que existem seres intersexuais, nomeadamente pessoas intersexuais. Estas são pessoas que desenvolvem naturalmente caraterísticas biológicas (incluindo reprodutivas) de ambos os sexos, não se encaixando nas noções típicas de sexo feminino ou masculino.[2] Também a existência das pessoas intersexuais é, evidentemente, explicada pela ciência, devido a combinações raras de cromossomas.[3]

Já o género é um conceito difícil de definir, porque no que toca ao género, não há uma base em que todos concordemos. Nesse sentido, só podemos falar em teorias quando o tentamos definir.

Hipóteses de definição de género

Existem múltiplas perspetivas sobre o significado da palavra "género" na nossa sociedade. A nossa intenção é, primeiramente, explorar algumas delas.

Género como essência

Por um lado, podemos ver o género como uma mera característica intrínseca a todos. A ideia é que o género é algo inato, binário e fixo, surgindo de uma transcrição direta do

[2] Estima-se que cerca de 1,7% da população tenha um traço intersexual e que aproximadamente 0,5% das pessoas tenham variações sexuais ou reprodutivas clinicamente identificáveis. (*Center for American Progress, 2021*)

[3] Para o entender, uma explicação breve sobre a masculinização e f eminização dos embriões é importante. Os embriões humanos são sexualmente diferenciados pela combinação de cromossomas sexuais que possuem, havendo dois tipos de cromossomas sexuais: 'X' (contidos nos espermatozoides ou óvulos) e 'Y' (contidos nos espermatozoides). Um espermatozoide que carrega um cromossoma 'X' resultará num embrião 'XX', uma fêmea; e um espermatozoide que carrega um cromossoma 'Y' resultará num embrião 'XY', um macho. O cromossoma 'Y' provoca a criação de testosterona, que, por sua vez, desencadeia o desenvolvimento do pénis e testículos, enquanto bloqueia o desenvolvimento feminino. O mesmo não acontece na ausência do cromossoma 'Y', o que leva à formação da vagina, ovários e útero. Há, no entanto, casos em que o processo não é tão simples e direto. Há raras combinações de 'XXY', 'XXX' 'XXYY', etc., bem como cromossomas 'XX' que desenvolvem genitais e caraterísticas masculinas, devido a parte de um cromossoma 'Y' que troca de lugar com parte de um dos cromossomas 'X' (ou vice-versa). Posteriormente, dá-se ainda a diferenciação sexual no cérebro. *(National Library of Medicine, 2000)*

sexo. Esta conceção tradicional surgiu por razões intuitivas: quem nascia macho era homem, e quem nascia fêmea era mulher.

O problema desta teoria é que, lá está, pressupõe que o género é, à partida, inato, binário e fixo. Para além de antiga, o problema com esta conceção é que parece que a ciência tem vindo a comprovar que não existe propriamente um "inato" em muito do que é humano. Uma caraterística humana é a neotenia, ou seja, o não acabamento humano. Nascemos prematuros, sem todas as características desenvolvidas à nascença. Se é assim em tudo, por que razão somos tão rígidos a considerar que o género é algo inato e fixo? Por mais que em tempos remotos não tenha havido preocupações com a distinção entre sexo e género, não quer dizer que esta não seja uma preocupação válida. O que dizer, por exemplo, das pessoas transgénero?

Género como comportamento e escolhas

Por outro lado, o género pode ser entendido como uma personificação, aquilo que o individuo "faz". Segundo esta teoria, todos os nossos comportamentos e escolhas, desde a forma como nos apresentamos à forma como falamos e interagimos com outros constituem o nosso género.

O problema desta teoria é que faz dos comportamentos e escolhas as "causas" do género. Esse tipo de assunção parece ser o que está na base de todas as discriminações.

Género como construção social

Por fim, o género pode ser entendido como uma mera construção social, como algo que a convivência humana edificou. Nesse sentido, podem ser definidos dois tipos de construtivismo social: o causal e o constitutivo. *(Teresa Marques, Universidade de Lisboa, 2014)*

O construtivismo causal aceitaria que o género é moldado pela sociedade, embora exista fora dela. Já o construtivismo constitutivo aceitaria que o género não é só moldado pela sociedade como só existe dentro dela. Por exemplo, a taxa de pessoas subnutridas é influenciada por fatores como a pobreza social, embora exista subnutrição, enquanto fenómeno, fora do que é a sociedade; é, portanto, um exemplo de construtivismo causal. Já a taxa de pessoas divorciadas é influenciada por fatores sociais e o divórcio, em si, só existe dentro da sociedade; como tal, é um exemplo de construtivismo constitutivo.

Enquanto construção causal, dificilmente podemos apresentar provas de género como algo intrínseco. O próprio conceito de género implica uma comunidade, um grupo de

pessoas, dado que alguém só se pode identificar com um género se se identificar com algumas das características das outras pessoas pertencentes a esse mesmo género.

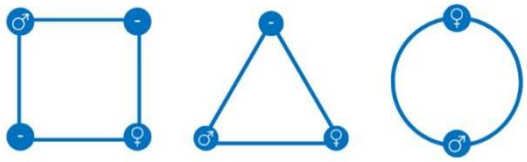
Enquanto construção constitutiva, o género parece ser possível de aceitar. Resta definir o que se entende por género.

A nossa definição de género: género como um espetro

Face aos pontos a favor e, principalmente, aos pontos contra estas visões de género, para nós, o género deve ser entendido como um ponto num espetro. O espetro seria como uma barra imaterial e relativa. Imaterial, porque não existe em lado nenhum do mundo material, apenas nas nossas mentes. E relativa, porque depende de cultura para cultura.

De facto, certas convenções variam de cultura para cultura. Vejamos: embora um ocidental do século XXI possa usar collants e ser visto como representante do género feminino, Luís XIV, um rei ocidental do século XVII, foi frequentemente pintado de collants e era visto como a personificação do género masculino. Daí a ideia de que é um espetro relativo, desenhado dentro da cultura. Independentemente de ser relativa ou não, de cada um dos lados está um dos tradicionais géneros: o género masculino e o género feminino. Isto, porque, na verdade, qualquer que seja a cultura, os géneros masculino e feminino estão presentes, mesmo manifestando-se de várias formas, e podendo haver ou não outras conceções de género.

Uma possível objeção a esta definição de género é o facto de aceitar que para indivíduos serem “mais” (ou “menos”) de um género têm que ser como a maioria dos indivíduos que são desse género. Homens com comportamentos femininos, por exemplo, seriam anomalias neste espetro. Na realidade, porém, os indivíduos não têm de ser idênticos para ser do mesmo género. Apesar dos extremos masculino e feminino terem características próprias, condicionadas por cada cultura, basta que algumas dessas características sejam partilhadas para que o indivíduo pertença a esse género (o género num “sentido lato”, como explicaremos de seguida).



O espetro não pode ser entendido como um quadrado ou triângulo, porque a condição humana determinada pela natureza enquadra-nos em um dos dois sexos existentes. E não pode ser um

círculo, porque, como vamos analisar de seguida, só faz sentido existir uma direção de "movimentação" entre os géneros masculino e feminino.

Dentro do que é o nosso ponto no espetro, existem duas categorias de características às quais estamos sujeitos. Primeiramente, há que referir a influência que a biologia tem na nossa identidade de género. Esta ideia está, claro, na base da divisão dicotómica de género, mas tem fundamentos científicos. De notar, no entanto, que ao contrário da visão tradicional, vemos a influência biológica como um fator que influencia a nossa identidade de género, mas não a determina. Ademais, essa influência não se limita à anatomia (isto é, a forma corporal caraterística de cada sexo), sendo também resultado dos sistemas hormonal e nervoso.

Apesar de controverso, os cérebros masculino e feminino têm diferenças estruturais e funcionais entre si, propriedades essas que, dado o funcionamento de cada região do cérebro, se refletem em diferenças cognitivas e comportamentais.[4] Ainda assim, a anatomia de uma pessoa (a masculinização ou feminização das gónadas) nem sempre reflete o desenvolvimento cerebral. De facto, a análise do cérebro de pessoas transgénero revelou que o cérebro transgénero é estrutural e funcionalmente mais semelhante à identidade de género com que se identificam do que o seu sexo biológico. (*National Library of Medicine, 1995*) Isso corrobora a existência de pessoas transgénero e valida a influência que a biologia tem na identificação de género de um indivíduo.

Seria até estranho não haver estas exceções ao nível cognitivo, que levam à existência de pessoas transgénero, tal como acontece com as pessoas intersexuais, devido a exceções ao nível anatómico. Em contraposição à população intersexual, no entanto, cujos dados estatísticos são mais concretos, a determinação da percentagem de indivíduos transgéneros na nossa sociedade permanece um desafio, uma vez que não é facilmente mensurável. Além disso, a persistente opressão às pessoas transgénero, infelizmente, desencoraja muitos deles a assumir a sua identidade, o que agrava ainda mais a falta de informações precisas até o momento.

De notar ainda que as propriedades biológicas aqui discutidas, apesar de pertinentes, são apenas uma média e, mais uma vez, não determinam a identidade de género. Avancemos agora para os fatores sociais.

[4] Estudos revelam que os machos tendem a ter um cérebro, cerebelo e hipocampo maiores, ao passo que, nas fêmeas, o lobo frontal esquerdo tende a ser mais denso e o lobo frontal direito mais volumoso. *(Cambridge University, 2014) (Público, 2013)*

Os fatores sociais aos quais estamos sujeitos durante a nossa vida são aquilo que nos "movimenta" no espetro. A nossa experiência sociocultural, desde que nascemos, é aquilo que nos movimenta "mais para o masculino" ou "mais para o feminino". É importante perceber que estes fatores não são traduzidos em movimentos objetivos, são antes relativos. A limite, a influência de fatores socioculturais na vida de uma pessoa é determinada pelo contexto sociocultural em que se insere.

A sociedade está habituada à ideia de que o género corresponde ao sexo com que nascemos, e em certos casos, isso é verdade (no caso das pessoas cisgénero). Mas não há mais motivos para fazermos essa generalização, particularmente com aqueles em que o género atribuído pelos fatores biológicos não é o correspondente à identidade de género real. Daí a importância dos fatores socioculturais.

Outro ponto a ter em conta sobre este espetro são os valores intermédios. Dentro destes valores, as pessoas podem ver-se como uma pessoa de género intermédio ou uma pessoa sem género.

Tal significa que temos três géneros (o masculino, o feminino e o intermédio)? Não. Significa que temos apenas dois? Também não. Significa que o espetro oscila entre uma infinidade de valores e, como tal, não existe um número finito de géneros. Cada pessoa, por outras palavras, experiencia um género diferente. O que acabamos por fazer, no nosso dia a dia, é associar o género masculino e feminino a um conjunto de valores no espetro. É possível afirmar que esta forma de compreender o género revela ainda uma atitude discriminatória ou até limitadora. Talvez possamos correr esse risco, mas temos boas razões para o fazer. Embora não seja uma atitude conducente à verdade, é uma atitude conducente a benefícios práticos, nomeadamente a nível de organização social, portanto, pode ser encarada como uma atitude prudencialmente justificada (o tal género, não no "sentido" estrito de uma infinidade de géneros, mas num "sentido lato").

Isso também justifica a confusão entre o "género intermédio" e a "ausência de género". Ao não estarem incluídos em nenhuma das categorias de valores tradicionais, é normal acreditarmos tanto que são uma mistura de ambos os géneros como que são valores fora do "género". Não há motivos epistémicos para acreditarmos nisso (nesse sentido, ninguém pertence a nenhum género; todos pertencemos a um género quase único), mas temos motivos prudenciais para classificar estas pessoas como uma categoria extra, nomeadamente, porque essas pessoas se sentem mais confortáveis assim.

A nossa resposta simplificada

Concluímos, portanto, que sobre a questão do conceito de género temos que aceitá-lo como: adquirido, uma vez que, apesar de depender de fatores biológicos, é condicionado pelas experiências socioculturais em vida; não-binário, uma vez que há um espetro amplo de géneros; e fluido, uma vez que as experiências vividas têm um impacto direto na forma como os indivíduos experienciam o género, e os indivíduos estão sujeitos a diferentes experiências socioculturais em vida.

Consequências

Afinal, o que fazer com tudo isto? Quais serão as implicações que esta definição de género tem na sociedade e no modo como nos definimos e nos relacionamos com os outros?

Tomemos como exemplo um recente caso noticiado: quando atriz Keyla Brasil invadiu o palco do Teatro São Luiz durante a apresentação da peça "Tudo Sobre a Minha Mãe". Subiu ao palco, seminua, protestando, pois, uma das personagens, transgénero, estava a ser representada por um ator cisgénero. No seu discurso, acusou a companhia de teatro de não contratar atores e atrizes transgénero para representarem, neste caso, os papéis de personagens transgénero. Surpreendentemente, face a esta manifestação, a companhia tirou o ator da peça e contratou um outro, transgénero.

A nossa posição é que o género não pode ser motivo de discriminação. Todas as diferenças entre géneros podem ser vistas como indefensáveis de dois pontos de vista. Por um lado, a identidade de género de cada indivíduo é pouco clara. A sua manifestação ocorre por fatores que dependem do contexto social e que não determinam ao certo em que zona do espetro está quem. Imagine-se que uma pessoa se identifica como homem, mas tem comportamentos socioculturalmente vistos como femininos. Só tendo em conta aquilo que a pessoa afirma ou aquilo que a pessoa demonstra é muito difícil, se não impossível, perceber o seu género. Por outro lado, todas as diferenças entre géneros são resultado de uma lotaria natural e de uma lotaria social, sobre as quais o indivíduo não tem qualquer controlo e, por isso, pelas quais o mesmo não pode ser responsabilizado.

Neste sentido, há distinções que fazemos diariamente, tendo por base o género, que não têm qualquer fundamento. A divisão de casas de banho ou de balneários é um exemplo. Não há motivo nenhum para acreditar que as pessoas devem ser divididas para tratar da sua higiene. Outros exemplos são as revistas e canais televisivos que, em vez de apelarem aos interesses e gostos do indivíduo, apelam somente ao género. Ou as lojas de vestuário que se dividem em secções masculinas e femininas, tendo em

conta que, muitas vezes, os clientes acabam por ir à secção oposta à do seu género apenas porque gostam da roupa.

Claro que tudo isto pode parecer chocante. No entanto, há que relembrar que não é a primeira vez que enfrentamos um dilema destes. Durante o século XX, era comum a divisão de pessoas com base na sua raça em tudo, desde a educação às casas de banho e balneários. No entanto, atualmente, percebemos que essa divisão era indefensável. Da mesma forma, parece não haver motivos para distinguir pessoas tendo por base o seu género, embora ainda não o tenhamos interiorizado completamente. No entanto, a questão prevalece: será o caso apresentado aceitável?

Uma sociedade justa deve, quase por definição, promover a maior liberdade e apenas as desigualdades que todos veem como justas. Por outras palavras, a justiça deve ser entendida como equidade, dando a todos aquilo que precisam, permitindo que todos possam ser o que são.

Neste âmbito, todas as pessoas devem ter acesso a medidas que lhes permitam ser livres e não se sentirem injustiçadas. É plausível, assim, afirmar que, por uma questão de impedir discriminação de género, devem ser implementadas medidas que favoreçam a autoimposição de todos os que possam ser alvos destes ataques. Assegurar as liberdades básicas de todos pode ser um começo, mas permitir protestos para maior visibilidade daqueles que dela precisam, ainda que em detrimento dos restantes, é igualmente importante. Todos os anos, por exemplo, à volta do mundo, são realizadas marchas que reafirmam a entidade e o orgulho LGBTQIA+, o chamado *pride*.

No entanto, o caso parece ser um pouco uma contradição em si mesmo. Recapitulando, há uma mulher transgénero que sobe a um palco e exige ser tratada de forma diferente por causa do seu género. Evidentemente, tratar alguém quer como superior quer como inferior pelo seu género é inadmissível. A medida correta que a companhia de teatro deveria ter tomado, na nossa perspetiva, era reconhecer a perspetiva da atriz e a causa justa que a moveu, comprometendo-se através da arte a ser uma voz viva de denúncia e de rejeição de todo e qualquer ato discriminatório; não sendo, ainda assim, justificado despedir o ator cisgénero.

Podemos pensar também, no âmbito das implicações do género nos direitos humanos, se é legítimo considerar ofensivo ou desrespeitoso o mau uso de vocabulário como nomes e pronomes. Nesse sentido, é comum surgir alguma confusão: como saber quem é o quê? A verdade é que este processo não é assim tão simples. A forma como nos relacionamos ou como nos apresentamos podem ser indicadores da nossa posição no espetro, mas, na realidade, o nosso género nem sempre é percetível, de forma clara,

para os outros. Não podemos esperar ser tratados de determinada forma se não o esclarecermos primeiro. É provável que em interações sociais haja enganos em relação ao género de determinada pessoa. O importante é manter sempre a mente aberta, e perguntar como os demais se identificam e como se sentem confortáveis, procurando evitar todo o tipo de preconceito. Deste modo, não consideramos desrespeitoso caso alguém, despropositadamente, se enganar na forma como trata outro, desde que procure ficar atento para que tal não volte a ocorrer.

A desconstrução dos estereótipos de género e a promoção da igualdade de género exigem um esforço coletivo e contínuo. Isso envolve educar as pessoas sobre a diversidade de género, como, aliás, procuramos fazer com este ensaio.

Pontos comuns e de diferenciação

Tendo em conta as perspetivas anteriormente referidas (e descartadas) sobre o género, podemos apresentar alguns pontos de convergência e de divergência. Em relação à teoria do género como essência, podemos concordar que o género, no nosso quotidiano, é encarado mais como uma noção intuitiva. Acabamos por enquadrar pessoas no género masculino e no género feminino, porque nos "convém". Todavia, não podemos aceitar que o género é binário, inato ou se quer fixo. Acreditamos que isso são conceções erradas da realidade. A nossa divisão prática é binária, inata e fixa na maioria dos casos, mas isso não é a forma como o género deve ser encarado factualmente.

Em relação à teoria comportamental, concordamos que o género pode ter um impacto direto na forma como vivemos. Em certas culturas, o rosa pode ser considerado uma cor que as pessoas "mais femininas" usam. No entanto, encarar isso como o que atribui o género às pessoas é muito limitador.

Por fim, sobre a teoria do género como construção social, aceitamos que o género é algo moldado pela sociedade. No mínimo, o espetro de género é construído socialmente. Não conseguimos, ainda assim, aceitar que o género sobreviva fora da noção de sociedade. Aceitamos que o género só sobrevive dentro das paredes da sociedade, mesmo podendo sofrer alterações ao longo do tempo e do espaço.

Conclusão

Em última análise, há inúmeros bons motivos para tratarmos problemas relacionados com o género. Neste ensaio, focámo-nos na definição do conceito e nas consequências práticas dessa mesma definição. Assim, existem múltiplas perspetivas sobre o significado do conceito "género", dentro da sociedade, embora esteja bastante claro que este não é um sinónimo de sexo. Contudo, essas perspetivas, como argumentado, não são satisfatórias. Sendo assim, consideramos que o género é determinado tanto por fatores biológicos como socioculturais. Concluímos também que o género é um espetro cujos extremos correspondem ao expoente máximo de expressão masculina e feminina. A biologia condiciona o nosso lugar no espetro do género, mas são os contextos sociais e cultural que acabam por determinar o ou os lugares dentro desse espetro. Posto isto, ficou claro a forma como o género é adquirido, não-binário e fluido. Entre as consequências práticas principais está a indefensabilidade da discriminação de género e ainda a necessidade de uma mente aberta sempre que o tema a abordar é o género. Neste ensaio, procurámos também apresentar algumas medidas individuais e sociais que, na nossa perspetiva, poderiam contribuir para uma sociedade mais equitativa, logo mais justa. Ficou por pensar mais a fundo de que forma é que o Estado deverá integrar naquilo que são as suas funções a questão de género. Ficará para uma próxima reflexão, pois isso levar-nos-ia para outro **género de questões**...

Bibliografia

Association, A. P. (2023). Understanding transgender people, gender identity and gender expression. https://www.apa.org/

Center for American Progress. (2021). KeyIssues facing people with intersex traits. https://www.americanprogress.org/

Harari, Y. N. (2011). Sapiens: uma breve história da humanidade. Elsinore.

Leonard, L. (2019). National Geographic. https://www.nationalgeographic.com

Marques, T. (2014). O género é uma construção social? A. P. Mesquita, C. Beckert, J. L. Perez & M. L. Xavier (Ed.). A paixão da razão: Homenagem a Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

Zhou, J. N., Hofman, M. A., Gooren, L. J., & Swaab, D. F. (1995). A sex difference in the human brain and its relation to transsexuality. Nature, 2;378(6552), 68-70. https://10.1038/378068a0

Bao, A. M., Swaab, D.F. (2011). Sexual differentiation of the human brain: Relation to gender identity, sexual orientation and neuropsychiatric disorders. Front Neuroendocrinol, 32(2):214-26. https://10.1016/j.yfrne.2011.02.007.

Parsons, T. (1949). The social structure of the family. In R. N. Anshen, The family: its function and destiny (pp. 173–201). Harper.

Ferreira, N. (2013). Ligações cerebrais são diferentes entre mulheres e homens. Público. https://www.publico.pt/2013/12/03/ciencia/noticia/ligacoes-cerebrais-sao-diferentes-nas-mulheres-e-nos- homens-1614869

Osborne, P., Segal, L., & Butler, J. (1994). Interview: Judith Butler: Gender as Performance. Radical Philosophy 67. https://philpapers.org/rec/OSBIJB

Swaab, A. M. B. (2018). Sexual differentiation of the human brain: relation to gender identity, sexual orientation, and neuropsychiatric disorders. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21334362/

Trotta, D. (2017). Born this way? Researchers explore possibility of DNA linked to gender identity. https://globalnews.ca/news/3648571/transgender-gene-study/